Os simples, de Guerra Junqueiro, e a imprensa carioca

Alvaro Santos Simões Junior¹

Resumo: De 1890 a 1893, ocorreu em Portugal um intenso movimento literário como resultado da assimilação das ideias decadentistas-simbolistas emanadas de França. Publicaram-se nesse período dezesseis obras com tendências inovadoras. No Rio de Janeiro, a imprensa acompanhou sem muito entusiasmo as notícias e as polêmicas motivadas pelas publicações e atitudes de Eugênio de Castro, Antônio Nobre e Alberto de Oliveira, entre outros jovens escritores. No entanto, a obra decadentista-simbolista que mais despertou interesse dos jornais e revistas cariocas foi *Os simples*, livro de poesia lírica publicado pelo veterano Guerra Junqueiro em 1892. A análise de notícias, resenhas e artigos sobre essa obra possibilita compreender um pouco melhor o modo por que se deu a assimilação do decadentismo-simbolismo no Brasil.

Palavras-chave: Decadentismo. Simbolismo. *Os simples*. Guerra Junqueiro.

De 1890 a 1893, ocorreu em Portugal um intenso movimento literário como resultado da assimilação das ideias decadentistas-simbolistas emanadas de França. Considerando resenhas, crônicas e notícias publicadas na imprensa carioca, pode-se afirmar que foi muito modesta a repercussão desse movimento no Brasil. As obras *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891), de Eugênio de Castro, que se gabava de ser o introdutor das ideias modernas em terras portuguesas, foram praticamente ignoradas, se se leva em consideração, comparativamente, o volume de textos publicados sobre essas obras na imprensa de Porto, Coimbra e Lisboa. Melhor sorte teve o livro *Só*, publicado por Antônio Nobre *chez* Léon Vanier, editor parisiense dos principais poetas decadentistas-simbolistas, embora seu surgimento não motivasse a publicação de muitos textos na imprensa periódica do Rio de Janeiro.

Porém, foi relativamente bem-sucedido o veterano Guerra Junqueiro, cujo livro intitulado *Os simples* foi alvo de notícias e comentários de jornalistas e escritores brasileiros e analisado por correspondentes estrangeiros de alguns jornais cariocas. Apesar de publicar a

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e pós-doutorado pela Universidade de Lisboa (2011). Atualmente é professor assistente doutor II da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. Brasil. São Paulo. E-mail: simoes@femanet.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5269-7108>.

sua poesia lírica cerca de dois meses depois do *Só*, de Nobre, Guerra Junqueiro, que já era muito conhecido por suas sátiras *A morte de D. João* (1874), *A velhice do Padre Eterno* (1885) e *Finis patriae* (1890), pelo comovente opúsculo *A fome no Ceará* (1877) e também por *A musa em férias* (1879), passou a ser considerado pelos brasileiros o principal representante do chamado *nefelibatismo*. O exame dos textos publicados na imprensa carioca a respeito de *Os simples* talvez possa evidenciar o que os brasileiros entenderam por *poesia nefelibata* no final do século XIX.

Curiosamente foi um jornal carioca, *O Tempo*, o primeiro a anunciar em 14 de setembro de 1891 a publicação do novo livro de Guerra Junqueiro, cujo título informou ser *Líricas* (POR TODO, 1891, p. 1). Em Portugal, o primeiro anúncio ocorreria apenas em 15 de dezembro do mesmo ano, nas *Balas... de Papel*, de Lisboa² (GOMES; SERTÓRIO, 1891, p. 10). A venda na livraria Garnier (v. figura 1) verificou-se com pequeno intervalo em relação ao início das vendas nas livrarias portuguesas em 29 de maio de 1892.³ Em 18 de junho, cronista das *Novidades* já dava conta de que os exemplares então disponíveis na famosa livraria carioca se haviam esgotado (MARCOS, 1892, p. 1). Verifica-se, portanto, que no final do século XIX o mercado editorial brasileiro tinha perfeitas condições infraestruturais de acompanhar de perto o europeu. Os intelectuais brasileiros podiam, assim, permanecer atualizados em relação às publicações estrangeiras mais importantes.

Os premios são pagos sem desconto algum, a ordem da thesouraria, pela agência geral

A BECCO DAS CANCELLAS 2

CAIXA DO CORREIO 946. CAMÕES & C. TELEG. PEKIM.

<p>GRANDE</p> <p>TERIA DO YPIRANGA</p> <p>Recebem-se a troca estes setes por loterias a cor- do Ceará, sendo a pri- ra a 30 deste mez, do mão de</p> <p>0:000\$000</p> <p>INTZORAS</p> <p>FOR 48000</p>	<p>GUERRA JUNQUEIRO</p> <p>OS SIMPLES</p> <p>A VINDA NA</p> <p>LIVRARIA GARNIER</p> <p>GRANDE CASA INDICADORA</p> <p>Toda pessoa, não sendo assignante desta casa, poderá com 200 rs. ou 1/2000 obter emprego em empregado, para qualquer mister; trata-se de papel para casa- mentos e recebem-se annuncios de casa- para alugar e de negocios emprehendidos; na rua da Conceição n. 11. (Telephone 100), das 8 as 8.</p>	<p>LOTÉRIA</p> <p>DO</p> <p>YPIRANGA</p> <p>Quem tiver bilhetes desta loteria e os queira trocar pelos do Ceará, recebem-se sem desconto</p> <p>2 A Becco das Cancellas 2 A</p>	<p>Machina a vapor</p> <p>Yendo-se uma de 8 cavallos, q nove, tem as rodas para ser montada pelo ser vista a trabalhar; tem outr 3 cavallos e um barilho de 2 cars serve para alimantar as caldeiras e em caso de incendio, tem as mangas e esguicho; tamtem vinda transmiss relancia com caldeiras, pallas, covi etc. etc.</p> <p>Rua de Haddock Lobo n. 20, tratar—rua 7 de Setembro n. 98, (1ª au)</p> <p>ATENÇÃO</p> <p>Prez-se anti-lumem sobre a rua Ovidor e Galleto um relógio de ouro, semhora, com uma pequena corrent ouro e medallia emalado — gratite com a quantia de 100 a quem o enir na redação d' O País.</p>
---	--	---	---

SEMANA SPORTIVA

Fig.1 Anúncio do livro *Os simples* publicado na sexta e última página do diário *O País* em 16 de setembro de 1892.

² Todas as considerações sobre precedências e quantidade de publicações devem ser relativizadas por duas variáveis: 1) possível inadvertência do pesquisador que compulsou quantidade significativa de periódicos e, principalmente, 2) lacunas das coleções dos jornais e revistas, que chegaram mutiladas e/ou com números faltantes aos nossos dias.

³ Nesse dia, vários jornais portugueses trouxeram anúncio emoldurado da obra.

O citado cronista das *Novidades*, que se escondia sob o pseudônimo D. Marcos, foi o primeiro, em terras fluminenses, a emitir opinião sobre Guerra Junqueiro, cujos versos representavam, para ele, a arte manejada com todas as suas exigências de forma, com toda a sua filosofia moderna, encantando os ouvidos, seduzindo a alma em uma vibratibilidade expansiva de verdade, de colorido (MARCOS, 1892, p. 1).

Dias depois, José Fino⁴ afirmaria em *O País* ter encontrado na obra do revolucionário da poesia portuguesa, isto é, Guerra Junqueiro, um lirismo encantador, uma suavidade bucólica, sem banalidades choramingas (FINO, 1892, p. 1). Cabe observar que o adjetivo revolucionário se aplicava muito mais ao impiedoso crítico da sociedade portuguesa, que escreveu *A morte de D. João* e *A velhice do Padre Eterno*, do que ao ousado nefelibata de *Os simples*.

Em 4 de julho, José Antônio de Freitas,⁵ correspondente lisboeta do *Jornal do Comércio* que se assinava como Raul, tratou de *Os simples* em duas colunas e meia do seu rodapé. Era, em sua opinião, ao mesmo tempo a obra de um pensador e de um homem de letras. Guerra Junqueiro teria pretendido nela representar a vida singela e primitiva de boas e santas criaturas, encarnando em um certo número de personagens como um pastor, a moleirinha, o cavador etc. Tal representação teria sido, porém, coordenada pelo ponto de vista particular ou pelo estado de consciência do artista, o qual, assim, se confundia com suas personagens (RAUL, 1892, p. 1). Na verdade, Raul apenas reproduzia, essencialmente, considerações tecidas pelo próprio Junqueiro na nota que acrescentou à sua obra.

Redator anônimo do jornal *O Tempo* ainda em 4 de julho encareceu a qualidade material do livro, que era impresso no mais alvo, no mais cantante, no mais puro papel de linho que é dado fabricar (OS SIMPLES, 1892, p. 1), mas não associou tal característica ao nefelibatismo, embora o aspecto e o material das capas e do papel fossem sabidamente uma questão de suma importância para os autores próximos ao decadentismo-simbolismo.

No *Diário de Notícias* de 8 de julho, Somel⁶ vinculou pela primeira vez *Os simples* aos nefelibatas ou simbolistas, pois estes, que pretendiam mudar o ritmo graciosamente musical do verso, poderiam encontrar nos versos de Junqueiro um largo pasto às suas repetições monótonas. O cronista considerou que a nova obra talvez correspondesse, na vida

⁴ Provável pseudônimo. Ignora-se a quem pertencia.

⁵ Nascido no Maranhão, Freitas mudou-se ainda criança para Portugal, onde viveu o resto da vida. Em Lisboa, foi professor da Escola Acadêmica.

⁶ Ignora-se a identidade de quem utilizava esse pseudônimo.

do poeta, que envelhecia, à õdescida por um doloroso obumbramento de cérebroõ, ou seja, ao início da decadência física e mental. Refutou, porém, a hipótese de imediato por acreditar que, na õopulenta vida literáriaõ de Junqueiro, *Os simples* não passaria de õdesastrado parêntesisõ (SOMEL, 1892, p. 1). Conclui-se, portanto, que Somel não era favorável às obras nefelibatas e as tomava por manifestações do esteticismo decadentista.⁷

Havia, no entanto, quem exaltasse a obra. Em 12 de julho de 1892, nas *Novidades*, D. Marcos considerou brevemente *Os simples*, ao lado de o romance *La débacle*, de Zola, como um dos pontos culminantes do ano literário então em curso (MARCOS, 1892, p. 1).

Dias depois, ocupou-se do livro em *O País*, sob o pseudônimo de Caliban, Coelho Neto, que iniciou seu texto com referências irônicas ao trabalho da crítica, garantiu depois ser o novo livro õmais do que uma grande pastoral em que toma[va]m parte promiscuamente seres e coisasõ e alertou, por fim, que deveria ser lido como a expressão alegórica da vida e dos sentimentos do poeta. Em sua avaliação, essencialmente positiva, não se associaram as õestrofes maviosíssimasõ do livro ao *nefelibatismo* ou *decadentismo* (CALIBAN, 1892, p. 1). Logo no início do ano seguinte, Coelho Neto escreveria texto satírico a respeito do *Missal*, de Cruz e Sousa (RIBAS, 1893, p. 1), autor que, no Brasil, representava as novas tendências literárias de então.

Caberia à portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, correspondente do *Jornal do Comércio*, publicar em 24 de julho o primeiro texto crítico mais alentado sobre *Os simples*. Segundo ela, os õartifícios literáriosõ de origem decadentista-simbolista Guerra Junqueiro não os devia aos nefelibatas portugueses, ao contrário do que estes proclamavam, mas, por õfraquezaõ, à õescola artificialõ de Verlaine e outros franceses, o que, entretanto, não punha em risco a sua individualidade artística (CARVALHO, 1892, p. 2). Com essas palavras provavelmente referia-se à tentativa, perpetrada por Alberto de Oliveira, de anexação de Junqueiro ao grupo neogarrettiano, que pretendia dar uma guinada nacionalista à literatura portuguesa. Tal propósito podia ser constatado na resenha de *O livro de Aglaïs*, de Júlio Brandão, publicada nas *Novidades*, de Lisboa, em 28 de abril de 1892 (OLIVEIRA, 1892, p. 3).

Considerando *Os simples* um õpoema das almas humildes, rudimentais, que vivem em contato direto com a naturezaõ, a cronista exaltou as qualidades e lamentou os defeitos dos

⁷ Cabe esclarecer que diferentes termos, tais como decadismo, decadentismo, simbolismo, nefelibatismo e novismo foram empregados para designar a poesia nova do final do século XIX.

principais poemas reunidos no volume. Quanto às deficiências, observou que o ritmo empregado uniformemente sem variedade acaba finalmente por ser monótono e às vezes impróprio para a poesia e que a filosofia do poeta era constituída de fragmentos desconexos de matriz naturalista e panteísta. Ocasionalmente declarações jacobinas e ceticismos voltairianos permitiram à cronista ressaltar a contraditória presença, no espírito do poeta, de 1) um misticismo ingênito que [...] o inspira[va] quase sempre, por datavismo religioso, 2) a ironia adquirida e 3) a dúvida mordaz que esteriliza[va] tanta vez a sua sensibilidade (CARVALHO, 1892, p. 2).

A cronista colocou também em dúvida a verossimilhança ou coerência interna das personagens rústicas criadas por Junqueiro. Segundo ela, Junqueiro não poderia ter encontrado nas províncias portuguesas o amor que o montanhês de *In pulvis*, segunda parte do poema intitulado *Cadáver*, demonstrava pelo castanheiro, evocando, diante da lareira onde ardia lenha fornecida pela árvore morta, todas as cenas do passado de que ela tomara parte. A respeito do poema *O cavador*, julgou que a revolta e a tristeza manifestadas pelo trabalhador rural pertenciam muito mais ao poeta do que a sua personagem: *Deu [Junqueiro] a sua consciência, a sua revolta, o seu sentimento das desigualdades sociais a rude filho da terra ...* (CARVALHO, 1892, p. 2).

A propósito das queixas melancólicas do poema *Regresso ao lar*, Maria Amália Vaz de Carvalho concedeu, acacianamente, que a vida é triste, mas exortou o poeta a não maldizê-la porque era, com seu talento, um dos seus raros eleitos. A partir daí, sucederam-se em cascata generosos conselhos a Guerra Junqueiro, que devia desvencilhar-se da ironia esterilizante, identificar-se com a Natureza, tornar-se como ela multiforme e multicolor e limitar-se ao mistério das cousas, insondável e sagrado, abdicando de procurar conhecer o princípio e o fim dos fenômenos à sua volta, com o que iria fatalmente conquistar aquela suprema tranquilidade, aquela serena paz quase divina que caracterizam os poetas genuínos. Além disso, devia o poeta evitar as declarações jacobinas contra o Catolicismo, as notas em prosa acrescentadas aos versos e outras humilhantes transigências e doutrinas consideradas pela cronista mesquinhas, limitadas e convencionais (CARVALHO, 1892, p. 2). Aludia assim a cronista aos traços mais evidentes de nefelibatismo que se notavam no livro, mas com o objetivo de refutá-los por equivocados.

Maria Vaz de Carvalho encerrou o seu longo artigo conclamando Guerra Junqueiro a deixar õgrasnar [...] a vaidade das rãsö e õuivar a inveja das hienasö, pois havia escrito õum belo e grande livroö (CARVALHO, 1892, p. 2). Apesar da relativa boa recepção por parte da imprensa portuguesa, *Os simples* recebeu críticas, algumas das quais contundentes. Seria, no entanto, razoável supor, como fazia a cronista, que tais objeções ao livro podiam ter sido motivadas por ressentimentos pessoais e/ou antagonismos partidários, haja vista a intensa atuação política do autor.

Domício da Gama, brasileiro que de Paris enviava textos para a *Gazeta de Notícias*, tratou abertamente, em 28 de julho, da questão da alegada precedência de *Os simples* em relação aos demais livros nefelibatas. Para o cronista, *Os simples*, antes mesmo de sua publicação, era do conhecimento de outros escritores, que quase õapanharam a toadaö do livro ao ouvir declamações do autor (GAMA, 1892, p. 1). Confirmava assim o correspondente da *Gazeta de Notícias* as alegações de pioneirismo que constavam da õNotaö adicionada por Junqueiro ao final do seu livro.

Domício da Gama discutiu também as pretensões totalizantes de Junqueiro, que assegurava ter alcançado õdo universo uma ideia metódica e definitivaö e pretendeu escrever, apesar da aparência bucólica do livro, uma õautobiografia psicológicaö. O cronista não levou a sério tais pretensões, que, para ele, se desvaneciam diante da emoção suscitada pelos versos: õNão há sistema, não há símbolo, não há metafísica que nos desfaça a emoção pura dos versos puríssimos e simplesö (GAMA, 1892, p. 1). Dessa forma, o cronista deslocava para um segundo plano as pretensões totalizantes que Junqueiro evidenciou na nota final do livro.

Na edição de julho de 1892 da *Revista Acadêmica da Faculdade Livre de Direito*, um certo M. comentou brevemente em sua crônica mensal o livro de Junqueiro, cuja imaginação seria õfonte límpida de ideias brilhantes e cristalinas, que [...] trasladava para o papel com a forma mais simples e deliciosa possívelö. Não foi o cronista além desses elogios convencionais, mas considerou *Os simples* a õperfeição últimaö no õdifícilimo gêneroö da poesia bucólica (M., 1892, p. 16).

Em *O País*, edição de 16 de agosto, o correspondente lisboeta Pinheiro Chagas dedicou-se exclusivamente a *Os simples*. Iniciou-se o longo artigo com apreciação do livro de Guerra Junqueiro, escrita, segundo Chagas, õao correr da penaö e já divulgada no *Correio da Manhã*, de Lisboa, em 3 de junho. Nessa primeira parte, havia breves considerações sobre

vários poemas do livro, mesclando-se elogios e reparos críticos. Embora reconhecesse que *Os simples* possuíam páginas verdadeiramente admiráveis, começou por observar que fátiga[va] às vezes um pouco a repetição quase incessante do mesmo ritmo, problema que já fora acrimemente apontado por Armando Navarro nas *Novidades*, de Lisboa, no dia 2 de junho. Depois de dizer que se entusiasmara com o Prelúdio, afirmou que Junqueiro quis, com a A moleirinha, provar que, ao fazer nefelibatismo, o fazia melhor que todos os outros juntos. Deste poema, cita versos em que se atribuem pensamentos a um burro, para quem as estrelas eram milho loiro e a lua, mãe de jaspe (CHAGAS, 1892, p. 1). O trecho suscitou comentário sarcástico de Chagas:

O Sr. Eugênio de Castro fez da lua peneira, o Sr. Antônio Nobre leiteira,⁸ o Sr. Guerra Junqueiro mó de moinho. A noite para o Sr. Eugênio de Castro é padeira, para o Sr. Antônio Nobre dona de uma vacaria, para o Sr. Guerra Junqueiro moleira.

Pobre noite! E pobre lua! Caíram em boas mãos! (CHAGAS, 1892, p. 1)

Se para o correspondente estrangeiro do matutino carioca *O País* o poema O cadáver era admirável; Ermidas, encantador; e O pastor, uma obra-prima; o Campo santo não passava de uma stopada. Já O cavador, que considerou uma poesia dilacerante de tom, ficaria prejudicado pelo cansaço proporcionado pelo dobre de sinos constante do restante do livro. Para Chagas, o poema Epílogo seria soberbíssimo; dele transcreveu uma estrofe que o teria feito ocorrer as lágrimas de um modo irresistível (CHAGAS, 1892, p. 1).

Na continuação escrita exclusivamente para seus leitores brasileiros, o cronista desenvolveu um pouco mais a comparação entre o Prelúdio, poema de abertura, e o Epílogo. Chagas condenou a solução alegórica adotada para o primeiro, porque, em sua opinião, quando um poeta de gabinete, um épico erudito, ainda que se chame Virgílio, começa a fazer esforços para criar alegorias, para transformar em entes que a sua fantasia

⁸ Pinheiro Chagas alude às *Horas*, de Eugênio de Castro, onde se lê: E a Padeira-Noite põe-se a peneirar / Na peneira-Lua a farinha-Luar (CASTRO, 1891: 21). No caso de Antônio Nobre, refere-se ao primeiro terceto do poema Ca(ro) Da(ta) Ver(mibus), que consta da primeira edição do *Só* (1892: 126-31). Os versos de Nobre são os seguintes: Às horas do crepúsculo, ao *Bendito*, / Quando a formosa Lua, a leiteirinha, / Vai dar o leite às casas do Infinito...

laboriosamente fabrica os seres da vida real, os sentimentos da sua alma, nada há mais fatigador e mais fastidioso (CHAGAS, 1892, p. 1).

Após prever que Junqueiro ainda seria reconhecido como ãum dos grandes poetas portugueses do século XIX, que de *A morte de D. João* e *A velhice do Padre Eterno* sobreviveriam ãlargos trechos do ãnaufrágio do conjunto e que de *A musa em férias* e *Os simples* seria extraída uma ãseleta destinada a ãencantar os pósteros, Chagas acusou o poeta de escrever *A moleirinha* por não gostar de ser precedido por ãinovadores de qualquer espécie, por receio de ser considerado ãfora de moda, por temer que o público abandonasse *Os simples* para ãse extasiar com as audácias do *Só*, de Antônio Nobre, e por não se conformar com ãum passageiro eclipse da popularidade que o inebria[va] (CHAGAS, 1892, p. 1). Dessa forma, Pinheiro Chagas atribuíu razões recônditas e pouco nobres para as alegações de precedência contidas na ãNota final do volume, ãdescrita rapidamente, à última hora, com o impressor à espera (JUNQUEIRO, 1892, p. 126), como confessou o próprio poeta. O poeta não queria que jovens até então pouco conhecidos viessem empanar o seu esplendor (v. figura 2).

Fig. 2 Charge de Guerra Junqueiro por Rafael Bordalo Pinheiro publicada na página 475 da Revista Ilustrada *O Antônio Maria* em 4 de junho de 1892.

No fragmento final de seu texto, o cronista tomou o poema *Cadáver* como indício de inflexão no espírito do poeta, que, invadido por um ôsopro panteístico, já não seria capaz de escrever o prometido livro *A morte de Jeová*, que constava de lista de obras a publicar divulgada com *A velhice do Padre Eterno*. Ficaria assim incompleta a trilogia demolidora iniciada com *A morte de D. João*. Não era ainda, assegurou Chagas, a conversão completa do poeta ao catolicismo, mas indicação de que sua alma se voltava, ôcompungida e anelante, para os ideais da crença, ainda vaga e indefinida (CHAGAS, 1892, p. 1).

No melhor texto publicado sobre o decadentismo-simbolismo na imprensa carioca, estampado na edição de 29 de dezembro de *O País*, o português imigrado Crispiniano da Fonseca, que viria a morrer de febre amarela no Brasil, citou versos de *Os simples* ao dissertar com muita competência sobre as características formais da poesia nefelibata (FONSECA, 1892, p. 1). Nas suas ôLérias, que assinava com as iniciais C. F., o cronista narrou em 13 de janeiro de 1893 encontro com Guerra Junqueiro no Porto, um ano antes. Naquela ocasião, o poeta lhe confessara ter ôenfim conseguido achar uma compreensão filosófica superior do universo, para a qual ia escrever a epopeia própria. Com *Os simples*, que seriam essa ôepopeia, pretendia, sem nenhuma modéstia, imprimir ôuma revolução completa à estética contemporânea (F., 1893, p. 1). Esse breve relato demonstrava que, desde o início, Junqueiro estava convicto de que *Os simples* seriam uma obra marcante da literatura portuguesa e conteriam muito mais do que lirismo bucólico.

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que *Os simples* foi a obra nefelibata mais lida e comentada no Brasil no primeiro momento da difusão das ideias decadentistas-simbolistas. A repercussão da obra de Guerra Junqueiro foi favorecida por dois fatores identificados pela pesquisa: a venda promovida pela livraria Garnier, que chegou a publicar anúncios do livro na imprensa carioca, e o prestígio do escritor, consolidado com a obra sobre a seca no Ceará e as sátiras de conteúdo político-ideológico, que circularam no período em que as campanhas da Abolição e da mudança de regime chegavam ao seu ápice.

Constata-se, também, que já havia relativo entrelaçamento entre os mercados editoriais brasileiro e português, pois os exemplares de *Os simples* chegaram simultaneamente às vitrinas de livrarias cariocas e lisboetas.

Observa-se nas notícias e resenhas que a ãNotaõ escrita às pressas e adicionada por Guerra Junqueiro ao final do seu livro condicionou as primeiras leituras, mas a questão de sua filiação às modernas tendências poéticas não foi abordada por todos os autores dos textos encontrados durante a pesquisa. Curiosamente, Coelho Neto, que escreveria sátira contra Cruz e Sousa, não criticou Guerra Junqueiro por suas ostensivas concessões ao decadentismo-simbolismo. A complacência com o poeta português resultava do respeito por ele, do temor de sua verve satírica, tantas vezes manifestada em poemas de circunstância, da não percepção do *nefelibatismo* difuso em *Os simples* ou do fato de que Junqueiro não era para o grupo de Coelho Neto, a rigor, um ãconcorrenteõ, como poderia vir a ser Cruz e Sousa? É difícil hoje responder com segurança a essa questão.

Maria Amália Vaz de Carvalho escreveu a maior resenha a respeito de *Os simples*, isolando Guerra Junqueiro dos nefelibatas e associando-o diretamente a Verlaine e a outros decadentistas-simbolistas franceses. Porém, criticou seu compatriota por suas contradições temáticas e ideológicas e condenou a inverossímil construção das personagens rústicas por Junqueiro, pois estas, em sua opinião, resultariam muito mais da projeção da personalidade do poeta do que da observação da realidade social do campo português.

Sempre cordial e até mesmo simpática, Maria Amália Vaz de Carvalho aconselhou o poeta a deixar o radicalismo ideológico, o pessimismo convencional e as ousadias formais, mas o defendeu de críticas impiedosas e mal-intencionadas que derivavam das paixões políticas despertadas pelo intenso ativismo de Junqueiro, deputado e crítico da realidade portuguesa, que àquela altura estava próximo dos círculos republicanos.

Pinheiro Chagas pouco acrescentou de essencial às críticas formuladas por outros jornalistas e colaboradores eventuais da imprensa carioca, mas atribuiu perfidamente o nefelibatismo adotado em *Os simples* a motivações subalternas e mesquinhas. Do seu ponto de vista ferino, Guerra Junqueiro, por vaidade, simplesmente temia ser superado pelos novos poetas que surgiam.

Chagas, no entanto, formulou crítica pertinente à forma alegórica do poema *Prelúdio*. Considerou-a contrária à expressão lírica por ser artificiosa e conseqüentemente causar fastio. Monarquista e católico, o correspondente estrangeiro do jornal *O País* também comemorou o conteúdo espiritualizante da obra, que poderia indicar inflexão filosófica ou religiosa por parte do poeta.

Por fim, o português Crispiniano da Fonseca confirmou, com seu testemunho, que Junqueiro tinha grandes pretensões quando escreveu *Os simples*, obra que deveria conter uma visão totalizante da vida e, além disso, apontar novos rumos para a literatura portuguesa. No Brasil, pelo menos, atribuiu-se ao livro maior relevância do que teve, de fato, no decadentismo-simbolismo português, levando provavelmente a uma compreensão do movimento enviesada e fragmentária por parte de leitores e críticos brasileiros.

Referências

- A Revista ilustrada. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 3. col., 26 ag. 1892.
- ALMEIDA, Padre José Joaquim Correa de. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, p. 3, 1. col., 4 jan. 1893.
- CALIBAN [pseudônimo de Coelho Neto]. Palestra. A propósito dos *Os Simples*. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 17 jul. 1892.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os simples. A poesia contemporânea ó Guerra Junqueiro. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2., 3.-6. col., 24 jul. 1892.
- CASTRO, Eugênio de. *Horas*. Coimbra: Manuel de Almeida Cabral, 1891.
- CHAGAS, Pinheiro. Simples. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 16 ag. 1892.
- F., C. [Crispiniano da Fonseca] Lérias. Guerra Junqueiro. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 6. col., 13 jan. 1893.
- FINO, José. Reminiscências. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col., 27 jun. 1892.
- FONSECA, Crispiniano da. Decadismo. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-3. col., 29 dez. 1892.
- GAMA, Domício da. Os simples. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 6.-7. col., 28 jul. 1892.
- GOMES, Gualdino; SERTÓRIO, Carlos. Guerra Junqueiro está escrevendo... *Balas... de Papel*, Lisboa, v. 2, p. 10, 15 dez. 1891.
- GUERRA Junqueiro, o grande poeta português... *Correio Português*, Rio de Janeiro, p. 2, 4. col., 13 jan. 1892.
- GUERRA Junqueiro... *O País*, Rio de Janeiro, p. 4, 6. col., 18 set. 1892.
- GUERRA Junqueiro... *O País*, Rio de Janeiro, p. 5, 1. col., 14 set. 1892.

- GUERRA Junqueiro... *O País*, Rio de Janeiro, p. 6, 2. col., 16 set. 1892.
- JOB, Máximo. Ecos da cidade. *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 3.-4. col., 17 ag. 1892.
- JUNQUEIRO, Guerra. *Os simples*. Porto: Tipografia Ocidental, 1892.
- M. A crônica. *Revista Acadêmica da Faculdade Livre de Direito*, Rio de Janeiro, p. 16, 1.-2. col., jul. 1892.
- MARCOS, D. Palestra. *Novidades*, Rio de Janeiro, p. 1, 3. col., 18 jun. 1892.
- _____. Palestra. *Novidades*, Rio de Janeiro, p. 1, 3. col., 12 jul. 1892.
- _____. Palestra. *Novidades*, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 13 jul. 1892.
- MODESTO, Álvaro. Os simples. *Novidades*, Rio de Janeiro, p. 1, 6.-7. col., 12 jul. 1892.
- NAVARRO, Armando. Os simples por Guerra Junqueiro. *Novidades*, Lisboa, p. 3, 1.-2. col., 2 jun. 1892.
- NOBRE, Antônio. *Só*. Paris: Léon Vanier, 1892.
- OLIVEIRA, Alberto de. O livro de Aglaïs por Júlio Brandão. *Novidades*, Lisboa, p. 3, 4. col., 28 abr. 1892.
- OS SIMPLES. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 5. col., 30 jun. 1892.
- OS SIMPLES. *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 6.-7. col., 4 jul. 1892.
- OS SIMPLES. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 646, p. 6, jun. 1892.
- POR TODO o mês de outubro... *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 14 set. 1891.
- RAUL [pseudônimo de José Antônio de Freitas]. O que vai por aí. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, rodapé, 4 jul. 1892.
- RIBAS, Anselmo [pseudônimo de Coelho Neto]. Inauditismo. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 1. col., 5 mar. 1893.
- SOMEL. Sala d'armas. Os simples. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 1, 7. col., 8 jul. 1892.

Os simples by Guerra Junqueiro and the Brazilian press

Abstract: From 1890 to 1893, it took place in Portugal an intense literary movement as a result of assimilation of decadent-symbolist ideas emanating from France. In this period, sixteen works with innovative trends were published. In Rio de Janeiro, the press followed with little interest news and controversies motivated by publications and attitudes taken by Eugênio de Castro, Alberto de Oliveira, Antônio Nobre among other young writers. However, the decadent-symbolist work that most had aroused interest of Rio newspapers and magazines was *Os simples*, lyrical poetry published by veteran

Guerra Junqueiro in 1892. The analysis of news, reviews and articles on this work makes possible to understand a little better how has occurred the assimilation of Decadence-Symbolism in Brazil.

Keywords: Decadence. Symbolism. *Os simples*. Guerra Junqueiro.

Recebido em: 15 de maio de 2020.

Aceito em: 18 de junho de 2020.